

**A paz volta a Guariba. Até quando?**

Os bóias-frias de Guariba, na região de Ribeirão Preto, que estavam em greve desde segunda-feira, voltaram ontem ao trabalho, e a tranquilidade voltou à cidade. Muitos policiais já foram embora, mas a Polícia Militar ainda mantém parte do efetivo do município, para evitar novos problemas.

Apesar da volta ao trabalho, decidida em assembléia, na quinta-feira à noite, alguns bóias-frias que não se conformaram com o fim da greve decidiram fazer ontem uma greve branca nos canaviais. Todos foram para o campo, mas em pelo menos, duas usinas — São Carlos e Santa Adélia — eles tentaram convencer os trabalhadores a reduzir o ritmo ou, simplesmente, cruzar os braços, apenas para garantir a diária de Cr\$ 30 mil.

Duas viaturas da polícia foram aos canaviais das duas empresas para deter os piqueteiros, mas "eles fugiram". Segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, José de Fátima, ligado à CUT e ao PT, cerca cem bóias-frias voltaram à cidade, a pé ou nos próprios caminhões.

"A polícia fez piquete e proibiu o trabalhador de trabalhar", denunciou José de Fátima. Ele informou que o advogado do sindicato, José Antônio Funicheli, ingressará com um processo contra a Polícia Militar por "crime contra a organização do trabalho".

Segundo José Rodrigues, 18 anos, as viaturas policiais chegaram por volta das 10 horas, quando os trabalhadores almoçavam, e os obrigou a voltar para a cidade e cessar a agitação e pregação de greve. "Fiquei com medo e fugi para dentro do caminhão, mas muita gente saiu correndo e foi embora a pé. Ficamos apavorados com as metralhadoras que eles seguravam nas mãos."

O comandante da PM na área, capitão Milton Pink, desmentiu que seus subordinados estivessem com metralhadoras. Ele garantiu que eles usam apenas revólveres e cassetetes de borracha para agir nesse tipo de movimento.

"O pessoal carpiu no máximo três ruas e não trabalhou mais", admitiu José de Fátima. Ele afirmou sua orientação: que eles convençam os trabalhadores de outras cidades a entrar em greve na próxima semana. Para ele, aliás, apesar do fracasso, a greve de Guariba foi "ótima" e "a mais bem organizada até hoje no Estado".

Fátima já marcou uma nova assembléia para a próxima semana, quando os cortadores de cana avaliarão os resultados da mesa-redonda que será realizada na DRT, em São Paulo, na quarta-feira, entre a Fetaesp e a Faesp. Ele acredita que, desta vez, terá melhor sorte e conseguirá parar toda a zona canavieira de Ribeirão Preto, a mais importante do País. Já Fernando Brizola, assessor de imprensa dos empresários, afirmou que as usinas estão funcionando normalmente e que desconhece uma greve branca parcial.

**Organização**

A primeira greve de bóias-frias no interior paulista aconteceu em maio de 1984. Descontentes com os baixos salários é a alteração de cinco para sete ruas no sistema do-corte da cana, cinco mil cortadores de cana de Guariba, na região de Ribeirão Preto, deflagraram um movimento que iniciou uma série de novas paralisações — mais de 60 em todo o Estado. Além de uma melhor organização, conquistaram inúmeros direitos trabalhistas, como o registro em carteira, que até então só eram concedido aos trabalhadores urbanos.

Depois, um movimento de desempregados levou 70 mil bóias-frias à greve, em janeiro do ano passado. Em maio, cerca de cem mil trabalhadores dos setores cítrico e canavieiro deflagraram uma nova paralisação. Em virtude da desorganização existente até então na categoria, esses movimentos surpreenderam os usineiros, que tiveram também de se organizar e a própria Polícia Militar, que teve de recorrer à violência para contê-los.

Na primeira revolta de Guariba, considerada um marco inicial das lutas no campo, a violência foi um indício do que viria pela frente: os bóias-frias entraram em choque com a polícia, saquearam um supermercado, destruíram prédios da Sabesp. O resultado final foi uma morte e vários feridos.

"Pelo menos, forçamos os patrões a se sentar numa mesa de negociação, e eles passaram a ter mais respeito com a gente", avalia o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araraquara, e diretor da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado (Fetaesp), Hélio Neves, considerado o principal líder dos trabalhadores rurais do Estado.

Desde a explosão de Guariba, porém, os bóias-frias passaram a ser o alvo predileto das disputas políticas e ideológicas, que hoje envolvem a CUT e o PT, de um lado e, de outro, a Fetaesp e Conclat, identificadas com o PMDB e o PCB. Todos interessados em firmar liderança junto aos trabalhadores, na constante luta reivindicatória que travam com as usinas e destilarias de álcool.

José de Fátima, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, e um dos mais importantes personagens desses movimentos, surgiu após a greve de 84%. E foi através dele que a CUT e o PT chegaram ao Campo. Apesar de seu insignificante domínio — a Fetaesp controla 30 dos 32 sindicatos existentes na área, responsáveis por 95% dos trabalhadores de 80 municípios no Norte paulista — há uma profunda divisão no sindicalismo rural, que confunde a categoria.

O que afasta as correntes, na opinião de Hélio Neves, é a "instrumentalização da classe trabalhadora em benefício de um partido político". Neste caso, o PT, que por sua vez, critica a conduta de seus adversários nas negociações com os empresários. Esse racha se torna mais evidente durante as greves. Em maio de 84, todos estavam juntos, mas já em janeiro do ano seguinte, foi Guariba que iniciou o movimento, levando à reboque as demais cidades. Em maio, porém, todos os outros sindicatos decidiram pela paralisação e Guariba foi uma das poucas a não aderir. "Param quando não devem, e quando precisam, se omitem", ironiza Neves.

Apesar da aprovação numa Assembléia de duas mil pessoas, a cidade continuou trabalhando. José de Fátima, no entanto, saiu na frente, promovendo piquetes e uma rápida greve em Batatais, entre apanhadores de café — um dia antes da data prevista pela Fetaesp para parar cem mil cortadores de cana e apanhadores de laranja da região. O troco veio agora, na greve deflagrada na segunda-feira: Fátima parou três mil bóias-frias de Guariba e apelou para que o ajudassem a alastrar o movimento, mas os sindicalistas se recusaram, alegando ser este o momento impróprio.

"Foi, no mínimo, inoportuna e sem nexo", responderam eles, observando que um fracasso agora poderia prejudicar a organização sindical e atrapalhar uma greve de 500 mil bóias-frias paulistas prevista para junho, após o início da safra de cana. O sindicalista petista não poupou críticas a ninguém. Atacou inclusive setores da CUT e do PT que se recusaram a ajudar, diante do iminente fracasso. Ele foi obrigado a pedir aos trabalhadores que voltassem ao trabalho e suspendessem a greve por uma semana, esperando nos canaviais uma nova negociação, o que tradicionalmente foge ao seu estilo.

Com isso, as divergências entre as duas correntes aumentou. Zé de Fátima diz que a Fetaesp e seus aliados fugiram da luta. Estes falam que o sindicalista não teve habilidade para controlar

um movimento estimulado por feitores e "gatos" — os agenciadores da mão-de-obra rural. Eles lembram que Fátima recebeu Cr\$ 3 milhões do deputado Paulo Maluf para construir a nova sede do sindicato.

Essas disputas, no entanto, devem se ampliar este ano, por causa das eleições de novembro. Isto porque os bóias-frias e suas famílias representam mais de 250 mil votos. De um lado, o deputado estadual Waldir Trigo (PMDB), ligado à Fetaesp e apontado como um dos principais líderes dos trabalhadores rurais, tentará a reeleição. Já José de Fátima pretende se candidatar a deputado estadual pelo Partido dos Trabalhadores. E, segundo seus adversários, estaria tentando tirar dividendos políticos, ao provocar o confronto direto dos grevistas com a polícia.

Galeno Amorim